

ISSN 0870-4147

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XXII



COIMBRA/1985

perspectiva sociocultural), de matizar a evolução conjuntural, de pôr em evidência a complexidade de situações à primeira vista lineares. É contudo a perspectiva geral deste estudo que, quanto a nós, constitui um dos seus maiores pontos de interesse: ao colocar-se numa linha de fronteira entre a Universidade e a Sociedade o A. rejeita (afirma-o na *Conclusão*) uma história teleológica que conceberia o evoluir da instrução e da erudição de forma necessária e linear. As noções de expansão e de declínio são assim relativizadas : busca-se mais descobrir a adequação funcional da Universidade à Sociedade, os condicionamentos sociais do imobilismo ou da inovação, do que proferir um juízo valorativo cujo ponto de referência seria sempre necessariamente um conceito ideal (ou idealizado) e modelar da primeira. Perspectiva rica de consequências — a obra de Frijhoff mostra-o — e que seria possível e útil aplicar noutros estudos.

FERNANDO TAVEIRA DA FONSECA

MANUEL DE PAIVA BOLÉO — *A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil (Problemas de colonização e povoamento)*. Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. xvm. Coimbra, 1983. 56 pp.

Desde há algumas décadas que o Autor deste opúsculo se interessa pelo estudo comparativo do idioma português falado no Continente europeu, nos Açores e no Brasil. Ao examinar com especial atenção, em 1943, os problemas suscitados pelos *brasileirismos*, reais ou supostos, verificou «existirem semelhanças flagrantes entre a linguagem dos Açores e a de alguns estados meridionais do Brasil, especialmente Santa Catarina e Rio Grande do Sul», e foi «levado a supor, pelo simples confronto de particularidades linguísticas, que teria havido influência daquela sobre estas» (x).

As informações de que então dispunha sobre a emigração

O Cfr. *Brasileirismos (Problemas de método)*, in *Brasilia*, vol. ni, Coimbra, 1946, pp. 68-74. A separata é de 1943.

açoriana para o Brasil não lhe permitiam mais do que formular uma hipótese. Reconhecendo que se tornava necessário o recurso à História, o Doutor Paiva Boléo procedeu a investigações no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, onde encontrou documentos «do mais alto valor para a história da colonização portuguesa no Brasil», que foram publicados sem demora (2).

Estas fontes vinham mostrar que a referida emigração era mais antiga do que geralmente se pensava (datando pelo menos do primeiro quartel do século xvii) e que não se tinha efectuado de forma isolada, mas sim, «a maioria das vezes, por casais ou mesmo famílias inteiras e em larga escala», facto de grande significado no aspecto linguístico (3).

Uma primeira viagem ao Brasil em 1948, a convite da comissão organizadora do Congresso comemorativo do 2.º centenário da emigração açoriana, realizado em Florianópolis (Santa Catarina), deu ao A. a possibilidade de fazer «um inquérito sumário numa povoação do interior», com interessantes resultados : a influência açoriana pareceu-lhe «evidente, tanto na fonética e na morfologia, como no léxico». Isto sem falar das semelhanças que encontrou no terreno etnográfico e folclórico, algumas já estudadas por investigadores açorianos e brasileiros (4).

Novas publicações destes estudiosos, na sequência de outras mais antigas, vieram corroborar a conclusão de que houve, efectivamente, uma importante corrente migratória dos Açores para o Brasil durante o período colonial (5). Por seu lado, o Doutor Paiva

(2) *Filologia e História. A emigração açoriana para o Brasil (com documentos inéditos)*, Coimbra, 1945 (sep. de *Biblos*, vol. xx).

(3) Note-se que já em meados do século xvi D. João III procurou organizar, à custa da Fazenda real, o envio de açorianos para o Brasil (Baía) e há indícios de que tais providências facilitaram a ida de alguma gente, embora em menor número do que se esperava (José A. Soares de Souza, *Açorianos na cidade do Salvador*, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 219, 1953, pp. 20-26).

(4) Desta viagem publicou um pormenorizado relatório: *O Congresso de Florianópolis, Comemorativo do Bicentenário da Colonização Açoriana*, Coimbra, 1950 (sep. de *Brasília*, vol. v).

(5) Também Jaime Cortesão, ao ocupar-se da grande figura de Alexandre de Gusmão, se interessou bastante pela «política dos casais» na colonização brasileira e publicou numerosos documentos, mas não conheceu os trabalhos do Doutor Paiva Boléo (Cfr. *Alexandre de Gusmão e o Tra-*

Boléo deslocou-se em 1953 ao arquipélago açoriano, onde, durante dois meses, efectuou inquéritos linguísticos, «reunindo um material interessante».

Com os elementos assim recolhidos, pôde apresentar, no ano seguinte, uma comunicação no 2.º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, em São Paulo. Não tendo chegado a ser editadas as respectivas Actas, decidiu o A., recentemente, publicar o seu trabalho, «com alguns acrescentos no texto e numerosas notas adicionais»: é o opúsculo de que estamos a dar notícia.

Após uma nota introdutória em que se faz, por assim dizer, a própria história desta comunicação e se lembra o interesse que o tema suscitou, o A. descreve as diversas fases que tomou no seu espírito o problema das relações entre a linguagem dos Açores e a de alguns Estados meridionais do Brasil, expõe os principais resultados científicos da sua viagem ao arquipélago em 1953, discute certas críticas feitas à explicação que propôs (designadamente as do professor norte-americano Francis Rogers) e considera que, «embora não possua ainda elementos suficientes para chegar a uma conclusão definitiva», só tem motivos para confirmar a sua hipótese, apontando toda uma série de factos linguísticos, etnográficos e folclóricos.

As páginas finais são dedicadas ao problema do povoamento e colonização das ilhas açorianas, para o qual o estudo da linguagem poderá trazer «achegas importantes e talvez decisivas». A fim de tentar determinar a origem regional dos povoadores, entende o A. que devem ser investigados, entre outros aspectos, a fonética e o léxico, os topónimos e antropónimos, os oragos das freguesias e «problemas tão curiosos» como os dos nomes das freguesias da Bretanha (S. Miguel) e dos Flamengos (Faial). Por outro lado, aponta a necessidade de estudar a contrapartida destas influências e portanto a emigração de açorianos para o Alentejo e o Algarve nos fins do século xviii, devida à iniciativa do Intendente-Geral da Polícia Diogo I. de Pina Manique. A obra termina com o voto de que ela possa servir de estímulo, a continentais e insulares, para a continuação deste género de investigações.

No que respeita à transferência, oficialmente organizada, de açorianos para as regiões meridionais do Continente, julgamos a propósito transcrever a seguinte notícia dada em 1787 pela *Gazeta de Lisboa*: «Á Intendencia Geral da Policia destes Reinos, e seus Dominos (*sic*) tem recentemente chegado por ordem de S. M. das Ilhas adjacentes, que superabunda vão em povoação, mais de novecentos casaes de Ilheos, com as suas respectivas familias, para se estabelecerem no exercício da Agricultura, e Artes Mecanicas, em a Provincia do *Alentejo*, onde por ordem da mesma Senhora, o Magistrado da Policia lhes manda subministrar, além do diario sustento, todos os instrumentos necessarios para a cultura das terras, fazendo-se construir nos montes, e herdades daquella Provincia, habitações proprias para se alojarem, e S. M. mandou apromptar huma não da sua Coroa para, á ordem do sobredito Ministro, andar no transporte dos Ilheos destinados para o referido fim» (6).

Não será imprudente calcular que mais de 900 casais com as suas famílias devem corresponder, pelo menos, a umas 3.000 pessoas, sendo até provável um número superior (7). Ainda no mesmo ano terão chegado outros 1.680 povoadores e 200 recrutas, destinados sobretudo ao Alentejo, onde eram então mais sensíveis os problemas da escassez populacional, da falta de mão-de-obra (possivelmente relacionada com a recente abolição da escravatura) e do abandono de muitas explorações agrícolas. As famílias de ilhéus, desembarcadas em Setúbal, foram distribuídas por vários lugares das províncias alentejana, estremenha e algarvia, designadamente Portalegre, Eivas, Évora, Vila Viçosa, Beja e Ourique (8).

(6) *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa. Numero XXVI [...] Sabbado 30 de Junho 1787*, anexo à *Gazeta de Lisboa*, n.º 26, 26 de Junho de 1787. Breve referência à notícia e respectiva fonte em Caetano Beirão, *D. Maria I, 1777-1792*, 2.ª ed., Lisboa, 1934, pp. 256-257. Ver também M. de Paiva Boléo, *Filologia e História*, cit., doc. 5, pp. 14-16.

(7) F. A. Oliveira Martins refere-se à vinda de 450 famílias, «totalizando umas três mil e trinta e três almas», mas não cita a fonte utilizada {Cfr. *Pina Manique. O político — O amigo de Lisboa*, Lisboa, 1948, p. 54}. E manifesto que não conheceu a informação da *Gazeta*.

(8) P. M. Laranjo Coelho, *Terras de Odiana. Subsídios para a sua história documentada*, Coimbra, 1924, pp. 236-238; F. A. Oliveira Martins,

Os resultados desta experiencia foram discutidos por Albert Silbert, que os considerou negativos, de acordo com certas informações do tempo. A mão-de-obra agrícola terceirense ter-se-ia adaptado mal à agricultura alentejana, vindo a tentativa a redundar em fracasso <sup>(9)</sup>.

Há quem pense, no entanto, que, não obstante as dificuldades encontradas, «os ilhéus acabaram por se integrar na população alentejana, deixando nas terras de Além-Tejo marcas ainda hoje visíveis, na toponímia e no linguajar» <sup>(10)</sup>. Um tema a exigir mais profundas e completas investigações de filólogos, etnógrafos e historiadores.

Apesar de estar na origem de uma bibliografia muito mais vasta, o mesmo poderemos dizer da influência açoriana no Brasil (em especial no Sul). A isso nos convida o tão interessante e sugestivo estudo do Doutor Paiva Boléo que foi objecto desta recensão.

LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

*op. cit.*, p. 54 ; Adérito Tavares, *A faceta progressista do Intendente Pina Manique*, in *História*, n.º 25, Novembro de 1980, pp. 30-34.

<sup>(9)</sup> A. Silbert, *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime. XVIII<sup>e</sup> — Début du XIX<sup>e</sup> siècle*, vol. n, Paris, 1966, pp. 726-727. Sobre o triste caso de onze famílias terceirenses deixadas ao abandono no Algarve e depois presas em Lisboa, ver a petição que dirigiram, em termos pungentes, à Rainha D. Maria I (Publ. em M. de Paiva Boléo, *Filologia e História*, cit., doc. 6, pp. 16-17). Uma tentativa de fixação de gente das Ilhas em Alcoentrinho terá também falhado (Marquês de Bombelles, *Journal d'un Ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788*, publ. por R. Kann, Paris, 1979, p. 160).

<sup>(10)</sup> Adérito Tavares, *op. cit.*, p. 31.